

## **FERREIRA, S. 2024. Carta 8. Gerativismo. Linguisticamente Falando.**

Querida professora Livia Gayoso,

Novamente estou lhe escrevendo uma carta, mas desta vez é para falar sobre outra teoria linguística de base: o gerativismo. São tantas coisas novas que eu estou descobrindo, e fico muito feliz em poder compartilhá-las com a senhora!

Estou finalizando o primeiro semestre do curso Letras-Português na Universidade Federal da Paraíba, licenciatura a qual eu sempre sonhei e na instituição que tanto almejei. Fico muito animada para enviar à senhora essa carta, pois sinto que junto dela envio um pedacinho de meus sonhos, espero que goste!

Professora, eu fiz um estudo de duas leituras teóricas muito interessantes sobre o gerativismo. A primeira trata-se do capítulo “Gerativismo”, do livro “Manual de linguística”, organizado por Mário Eduardo Martelotta, publicado no ano de 2011. Ademais, o capítulo “A competência linguística”, do livro “Introdução à Linguística”, organizado por José Luiz Fiorin, publicado no ano de 2010. Para deixar a leitura mais dinâmica, irei chamá-los, respectivamente, de texto 1 e texto 2.

O texto 1 irá abordar os principais aspectos do gerativismo, contando sobre o surgimento dessa corrente linguística, a faculdade da linguagem, a gramática universal e também a visão do gerativismo em relação aos fatos das línguas naturais, trazendo de uma maneira simplificada a explicação sobre a linguística gerativa. O texto 2 trata sobre a gramática gerativa, as manifestações do conhecimento linguístico pela perspectiva gerativa e também menciona sobre a teoria dos *princípios e parâmetros*, mostrando os principais conceitos que norteiam o gerativismo.

Vou começar, professora, trazendo três citações do texto 1 que contribuíram muito para o meu entendimento sobre o conteúdo e eu queria lhe mostrar:

*A linguística gerativa-ou gerativismo, ou, ainda, gramática gerativa-é uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, no final da década de 1950, a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky, professor do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT. Considera-se o ano de 1957 a data do nascimento da linguística gerativa, ano em que Chomsky publicou seu primeiro livro, Estruturas sintáticas (Martelotta, 2011 p. 127).*

A citação acima fala sobre o surgimento do gerativismo, que foi formulado como uma resposta e oposição ao modelo behaviorista, em que a linguagem era vista como um

estímulo resposta, ou seja, a linguagem humana era uma resposta produzida pelo organismo através da interação social. O principal teórico do behaviorismo se chama Frederic Skinner. De acordo com o behaviorismo, as crianças nasceriam como uma "tabula rasa", ou seja, uma folha em branco, sem comportamentos inatos. Ao longo do tempo, elas desenvolveriam comportamentos por meio de um processo de condicionamento, no qual os comportamentos reflexos iniciais servem como base para a aprendizagem de comportamentos mais complexos.

Eu fiquei muito curiosa sobre isso, professora, pois o gerativismo realmente explica coisas que são abarcadas pelo behaviorismo, como por exemplo, o behaviorismo não faz explicação sobre os comportamentos humanos da interioridade do homem, apenas sobre fatores externos de estímulo-resposta, considerando o ambiente externo totalmente responsável pelo aprendizado da criança.

Isso me recorda quando eu estudava para as provas de matemática, e os professores passavam muitas listas para praticarmos e eu respondia essas listas tantas vezes que virava algo automático. Então comparando com o behaviorismo, eu me sentia passiva em meu conhecimento, pois repetia o mesmo comportamento até responder corretamente todas as questões. Nesse sentido,

[...] Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (Martelotta, 2011, p.129).

Chomsky nos fala que nascemos com um dispositivo em nossa cabeça, uma capacidade inata que será desenvolvida a partir do momento que somos expostos ao modelo linguístico do meio em que nascemos. Ao contrário do que diz o behaviorismo, o gerativismo fala que a criança nasce com uma criatividade, uma capacidade de criar infinitas frases dentro do sistema linguístico de uma língua. Essa disposição inata que temos para a competência linguística, professora, é chamada de “faculdade da linguagem”.

[...] Deve-se entender por GU o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU (Martelotta, 2011, p. 135).

Professora, essa citação nos fala sobre a Gramática Gerativa (GU), que eu achei muito importante para compreender essa teoria linguística. O gerativismo já passou por muitas mudanças ao longo dos anos, e essa hipótese da GU é um aperfeiçoamento do nosso

dispositivo inato (faculdade da linguagem), que nos fornece um sistema gerativo. Como um programa de computador que possui regras e algoritmos, a GU constitui um conjunto de instruções com passo a passo, nos tornando aptos para desenvolvermos a gramática de uma determinada língua.

Além disso, o texto 2 também irá se debruçar sobre essa questão da faculdade da linguagem, apontando que “[...] Essa faculdade da linguagem, em seu estado inicial, isto é, no estado em que ela está logo que a criança nasce, é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana.” (Fiorin, 2010, p. 96).

Isso me deixou muito curiosa, professora Lívia, pois segundo o gerativismo, não importa se as crianças são falantes de português, chinês, alemão, italiano ou qualquer outra língua, todas são dotadas do mesmo dispositivo de linguagem, partindo do mesmo estado inicial. O que vai fazê-las desenvolver a língua é o seu ambiente linguístico, logo, se uma criança é exposta a um ambiente linguístico em que se fala o português, ela vai desenvolver o conhecimento dessa língua, através da interação e também da informação genética contida no estado inicial da faculdade da linguagem. “[...] Em termos desse estado inicial, não existem diferenças entre crianças nascidas no hemisfério Norte ou Sul, entre crianças pobres e ricas, entre filhos de nobres e plebeus.” (Fiorin, 2010, p. 97).

Então, não importa as condições socioeconômicas que nascemos, vivemos ou somos criados, pois temos a mesma capacidade de desenvolver a linguagem, já que de acordo com o gerativismo, somos dotados do mesmo estado inicial da faculdade da linguagem, e através da interação com o nosso ambiente linguístico, vamos desenvolver a proficiência e um idioma. E o que pude observar, professora, é que tanto o fator interno (faculdade da linguagem) quanto o fator externo (ambiente linguístico) são responsáveis juntos pelo desenvolvimento e aprendizado da linguagem, e não apenas o fator externo, como é dito pelo behaviorismo.

A última citação que aponto nesta carta que fala sobre uma teoria do gerativismo: *princípios e parâmetros*. “[...] Esses princípios abertos são chamados de parâmetros, e seu valor só é fixado ao longo do processo de aquisição, com base na informação linguística à qual a criança é exposta.” (Fiorin, 2010, p. 97).

De acordo com o gerativismo, o *princípio* é uma gramática universal e os *parâmetros* são as particularidades de cada língua. Professora, algo bem interessante sobre

isso que eu pude observar nas aulas de inglês de um curso que faço é sobre o uso do sujeito. Todas as línguas têm sujeito, isso seria o *princípio*, mas existem línguas em que ocorre a omissão do sujeito na frase, isso seria o *parâmetro*. No inglês percebi que o uso do sujeito é obrigatório, já no português não. No português podemos dizer: “Está nevando”. Na nossa língua, podemos criar essa oração sem o sujeito, entretanto, no inglês, é obrigatório escrever assim: “It is snowing”. O “It” é um sujeito usado para se referir a coisas e na língua inglesa é obrigatório utilizar sujeito, ao contrário do português que permite essa criação de orações sem sujeito.

Logo, sabemos que ambas as línguas possuem sujeito, elas têm o mesmo *princípio*, mas, o português e o inglês possuem seus próprios *parâmetros*, sendo possível em uma língua escrever sem o sujeito e na outra não.

Por fim, professora Lívia, esses textos foram bem enriquecedores para mim e gostaria de indicá-los para a senhora, pois estou amando essa troca de conhecimento que estamos tendo!

Um abraço! Espero que goste da carta e que sinta a emoção e empolgação que eu senti ao escrevê-la.

Atenciosamente,

Savina Maria Paulo Ferreira

Salgado de São Félix (PB), 05 de novembro de 2021.

### **Referências:**

KENEDY, Eduardo. **Gerativismo**. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127-140.

NEGRÃO, Esmeralda et. al. **A competência linguística**. IN: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6a ed. revista e atualizada. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-119.